

ALONSO ALVAREZ

Meia-noite na biblioteca

NOVA EDIÇÃO

*Levemente revista, com episódios novos e temporada 3 inédita
Volume único com as três temporadas*

1ª reimpressão


FICÇÕES

Sumário

9

Temporada 1

103

Temporada 2

151

Temporada 3

211

Prefácio da 1ª edição da Temporada 1

Nos caminhos da leitura, uma biblioteca

Bel Santos Mayer

216

A Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura

218

Notas

221

Sobre o autor



Temporada 1

“Os cientistas dizem que somos feitos de átomos,
mas um passarinho me contou que somos feitos de histórias.”

Eduardo Galeano

1

Primavera de 2019

— Ainda passo aí e roubo uma flor pro meu amor! — gritou o rapaz, pedalando a bicicleta, com um sorriso largo e claro no rosto liso.

Toda manhã de segunda-feira ele fazia isso, a caminho do trabalho, ao contornar a praça adotada por dona Bintu, que nessa hora estava sempre regando as plantas e as árvores. Ela, que não gostava de que ninguém roubasse flores da praça, apontou o esguicho para Léo, que, para escapar da água, ziguezagueou com a bicicleta, descendo e subindo na calçada, e foi embora, gargalhando alto, com alguns pingos de água na camiseta com a estampa da marca Bom Preço, supermercado onde trabalhava.

Aline observava a avó da janela de seu quarto, no andar de cima do sobrado, se divertindo com a travessura do rapaz que passou rápido e deixou dona Bintu brava, gesticulando, resmungando, enquanto voltava a regar os girassóis.

A neta já tinha tomado banho e vestido a roupa que ela escolhera na noite anterior para o sonhado e aguardado dia de abertura da primeira biblioteca comunitária do bairro no extremo sul da periferia da cidade.

Quando o relógio do celular despertou às sete horas, ela sentiu o corpo cansado e dolorido do pouco sono, pois no

dia anterior tinha avançado noite adentro na desarrumação da biblioteca — sim, “desarrumação”. Ela sorriu ao pensar que a biblioteca estava “bem desarrumada” para abrir suas portas naquela primavera.

Ali na janela, admirando a avó entre flores, ervas, árvores e pássaros, sorriu feliz.

Ela abraçava um livro. Abriu na página marcada e leu um trecho que havia assinalado com lápis, sussurrando para o dia que surgia lá fora, tão feliz quanto ela: “Há aqueles que não podem imaginar um mundo sem pássaros; há aqueles que não podem imaginar um mundo sem água; ao que me refere, sou incapaz de imaginar um mundo sem livros”.¹

Dona Bintu, como se tivesse escutado a neta, sorriu e acenou para ela entre os girassóis.

“Livro que seria companhia valiosa na nova jornada que se iniciava com a abertura da biblioteca”, pensou ela, enquanto guardava o pequenino volume *Esse ofício do verso* dentro da bolsa. Aline era fã de Borges, escritor argentino que um dia fora bibliotecário e, numa noite interminável, quando seus olhos se apagaram, presidiu a Biblioteca Nacional de Buenos Aires. Com ele aprendeu muitas coisas sobre escritores, livros e leitura, e quando disse uma delas para Ayo, na sala da futura biblioteca, ali em meio à desarrumação, ele largou os livros no chão e veio abraçá-la, beijá-la: “Organizar bibliotecas é exercer, de um modo silencioso e modesto, a arte da crítica”.²

E Aline descobriu que organizar, para ela, era “desarrumar” os livros, que alguns escritores não podem ficar lado a lado na mesma estante; que alguns livros ficam cansados de tanto ser lidos; outros, ansiosos por leitores, quase saltam da estante para as mãos da pessoa. Sim, há aqueles que detestam ficar de lombada, pois querem mostrar a sua capa;

uns se apaixonam pelo leitor e não querem mais voltar para a estante; tem até livro que gosta de se perder na biblioteca e encontrar o seu leitor ao acaso; e livros tristes, que ficam assim após ser abandonados pelo leitor...

Aline ajeitou ao lado do livro dentro da bolsa as cópias do cartaz que o Bazar do Zé imprimira, em cores, em sua copiadora, apoiando a abertura da primeira biblioteca no bairro. Achou melhor não colocar uma foto da casa com os jazigos e cruzeiros ao redor, e assim evitar de assustar as pessoas. A imagem mostrava um lugar aconchegante, com sala e o quarto cheios de livros, uma cozinha pequena e um banheiro do lado de fora. Ao redor, quatro árvores: goiabeira, laranjeira, mangueira com um balanço e um ipê-rosa. E tinha um jardim com variadas flores e um gramado aprazível para quem quisesse se deitar, sentar-se, ficar de pernas para o ar, conversar, ver nuvens no céu e ler, com livros espalhados, e gatos, alguns preguiçosos e outros curiosos. Ali no gramado também ela ia fazer a “espiral de leitura”, invenção que não via a hora de colocar em prática.

Ela desceu a escada. Ao entrar na cozinha, encontrou a mesa do café posta, com carinho, pela vó. Como sempre, no pequeno vaso vazio, um bilhete: “Quer ver flor, olhe pela janela, minha neta, que é tão bela!”

Aline suspirou com o bilhete da avó e sorriu com as rimas no texto perfumado de carinho. Abriu a cortina da janela que dava para a praça e, ao sentar-se à mesa, avistou, do outro lado do muro baixo, um buquê de gerberas laranja na praça, imagem que se encaixou sobre o vaso na mesa. Ali, com aquela vista, as flores não precisavam ser colhidas para enfeitar o seu desjejum.

Serviu-se de café com leite, banana amassada com aveia e ovos mexidos com torradas.

Depois de comer, ligou o celular. Foi correndo ver as mensagens do namorado Ayo, repletas de corações e beijos, dizendo que ia se atrasar um pouco porque tinha que passar num lugar antes, mas não disse onde. Aline respondeu com corações e beijos, e escreveu: “É HOJE!”

Antes de sair, escovou os dentes, ajeitou o cabelo, vestiu o turbante novo que ganhou de Ayo, se perfumou. Foi abraçar a avó e a encontrou sentada no banco da praça, sob a amoreira, o olhar afetuosamente sobre as plantas e flores, como se procurasse alguma delas que precisasse de seu cuidado. E achou um copo-de-leite derrubado, certamente por algum cachorro que passou correndo na praça durante a noite. Ao se levantar para ir até a planta, socorrer a flor, Aline chegou e a abraçou, feliz, radiante.

— É hoje, vó!

— Que ideia, Aline. Cruz-credo! Lá não entro nem morta, você sabe, já falei.

Aline riu.

— Um dia a senhora vai entrar... — E se divertiu vendo a vó fazer o sinal da cruz.

— Tanto lugar, tinha que ser no cemitério? Deixe os mortos em paz, Aline...

— Eles vão adorar ter companhia... Muitos deles vão pra lá e ficam esquecidos, abandonados...

— Não no coração das pessoas... Seu avô tá aqui. — E tocou o peito com ternura.

— “Não morre quem se ausenta, morre quem é esquecido” — lembrou Aline, abraçando a avó. — Mia Couto, um escritor, disse isso.

A avó concordou, se entregando ao abraço da neta.

Quando a neta se separou, olhou para a avó e perguntou:

— E você não acha que o vô vai gostar de ver as pessoas passando por ele, com livros nos braços, pra ler?

— Ele não é fantasma...

— Tá, dona Bintu. — Aline sorriu. — Mas você um dia vai lá conhecer, sim, bem vivinha e vai gostar da biblioteca...

— Cruz-credo!

A avó se agachou e perto do banco pegou um vaso com espadas-de-são-jorge. Deu para a neta:

— Leva. É presente. Vai proteger essa tal biblioteca...

Aline pegou o vaso e encheu a avó de beijos. Foi até a bicicleta e colocou o vaso na cestinha, ao lado de sua bolsa. Pedalando, foi embora dando tchau para a avó que já estava agachada entre as flores, cuidado do copo-de-leite.

Minutos depois, ela estacionou a bicicleta na frente da sorveteria do seu João e precisou espantar as abelhas para colar o cartaz no poste em frente da máquina de sorvetes com massas coloridas e cheirosas. Deu bom-dia e sorriu para o seu João, que, atrapalhado com as abelhas, tratava de abrir uma caixa de papelão com casquinhas. E foi embora.

Na esquina, perto da igreja, parou e deixou a bicicleta encostada num muro enquanto foi ajudar a sra. Valéria, que conhecia das entregas de pizza, a atravessar a rua. No pequeno trajeto, enquanto deixava a senhora se segurar em seu braço esquerdo, a convidou para conhecer a biblioteca que seria aberta logo mais.

A sra. Valéria desejou sucesso para a biblioteca e seguiu pela calçada, Tateando o caminho com a bengala.

Aline montou na bicicleta e seguiu direto para o cemitério. Iria atravessar parte do bairro. Pelo caminho, viu alguns cartazes sobre a abertura da biblioteca nos postes e muros, que ela e Ayo haviam colado no final de semana, mas as pessoas passavam apressadas e nem sequer olhavam. Mas teve uma que parou, uma menina de vestido azul, que precisava ficar nas pontas dos pés para ver o cartaz grudado no poste.

Ao virar uma esquina, em frente da escola pública, já com os portões fechados durante as aulas, viu um rapaz encostado no muro, conversando com outros dois, que ela sabia que viviam faltando às aulas e perambulando pelo bairro. Parou perto deles e os convidou para conhecer a biblioteca.

— No cemitério, dentro do cemitério! — espantou-se um deles, ao ver o cartaz.

— Fantasmas também leem — ela brincou, subindo na bicicleta e indo embora.

O rapaz dobrou o cartaz e o guardou no bolso. Ficou olhando Aline ir embora, pedalando.

Não demorou, dois quarteirões depois, passou em frente ao campinho bem na hora que um menino fez um gol de bicicleta e arrancou assobios, gritos e palmas dos jogadores do próprio time e até dos adversários. Ela buzinou duas vezes saudando o golaço. O menino sorriu e acenou para ela.

Quando passou em frente à praça, quase parou quando viu um homem careca, sentado num banco, tão desolado, com o olhar perdido, olhando para o céu. Na semana de instalação da biblioteca, ela o vira no cemitério algumas vezes. Mas ao chegar perto, ele se levantou e foi se esgueirando pelos muros como uma sombra.

Já a uma quadra do cemitério, parou numa esquina e esperou uma cadeirante atravessar a rua, depois de sorrir e agradecer a ajuda de Aline. As calçadas ainda não estavam acessíveis naquele bairro, então ela foi ajudar a subir a cadeira com a menina.

Quando voltou a pedalar, viu três pessoas cegas, duas jovens e um senhor, um segurando no braço do outro, enquanto uma delas caminhava com a ajuda de uma bengala verde. Os três carregavam livros impressos, de papel, e ela achou isso curioso.

Ao chegar no portão do cemitério, desceu da bicicleta e quando estava carregando-a para subir os três degraus na entrada, um coveiro largou a pá e a corda que segurava e veio ajudá-la, pegando a bicicleta, como se não pesasse nada, deixando-a na ruazinha que subia até a capela.

Aline agradeceu. Empurrando a bicicleta, foi subindo a ruazinha, já que a biblioteca ficava no fundo do cemitério, atrás da capela, entre jazigos, túmulos e cruzeiros.

O coveiro sorriu, fez sinal da cruz, pois tinha visto durante toda a semana anterior o esforço de Aline, Ayo e outros jovens carregando caixas e caixas de livros para montar a biblioteca na casa do ex-coveiro, que ficara vazia, e Aline descobrira que ali seria um bom lugar para uma biblioteca comunitária. Foi com um argumento imbatível que ela convenceu o administrador do cemitério:

— Um bom lugar para livros, vivos, mortos e imortais. Tem tudo a ver!

— Imortal? Quer dizer... assombração? — O administrador ficou confuso e assustado.

— Escritores imortais, sr. Augusto — explicou Aline, divertindo-se com a reação do homem. E pegou um livro: — Olha só... Já ouviu falar de Machado de Assis? — E mostrou um exemplar de *Dom Casmurro*.

— Sim, eu li na escola.

— Então, o Machado de Assis é um imortal. Assim como Guimarães Rosa, Manuel Bandeira, Jorge Amado...

— Desse Amado eu li *Dona Flor*.

E foi assim que o administrador adorou a ideia de Aline e logo liberou a casa do ex-coveiro para ela montar a primeira biblioteca do bairro.

— Mas não vai incomodar os mortos enterrados, vai?

Aline riu:

— Eles vão gostar de ter gente viva por perto. Muitos foram esquecidos aqui...

Ele assentiu com pesar, pois se Aline pudesse ver dentro de sua mente naquele instante, teria visto que ele estava pensando nos pais enterrados ali. Havia muito tempo que ele não visitava o jazigo da família.

Antes de chegar na capela, ela avistou o cão dormindo num túmulo. Já se conheciam, pois o cachorro entrara algumas vezes na casa enquanto montavam a biblioteca. Cheirava os livros, passeava entre eles, sem latir, e parecia ter gostado daquela movimentação toda. Aline o olhava xeretando tudo e sabia que ele deveria ter uma história que não encontraria nos livros. E isso iluminou a sua ideia sobre aquela pequena biblioteca abrigada na casa do ex-coveiro, num cemitério, na periferia da cidade, que se tornaria um lugar não só com as histórias dos livros, mas também com as histórias das pessoas que passariam por lá e mesmo daquelas enterradas ali.

O cão saltou do túmulo e seguiu Aline, abanando o rabo. Chegaram no gramado em frente da casa, e ela, depois de encostar a bicicleta no muro, sob uma sombra, foi pegar algumas laranjas no pé para fazer um bolo.

Deixara as portas abertas da biblioteca na noite anterior, e elas ficariam assim para sempre.

— Uma biblioteca tem que ficar com as portas abertas — disse ela, quando Ayo foi fechar a porta na noite anterior. — E ainda mais uma biblioteca num cemitério... E se algum fantasma quiser ler um livro e só faz isso à noite?

Ayo sorriu, deixou a porta aberta e comentou:

— Será que eles gostariam de uns livros de terror e mistério?

Ela gostou da ideia, entrou na biblioteca e voltou com um livro de Poe, que deixou no parapeito da janela aberta.

Quando apagaram as luzes, o luar iluminou todo o espaço e o livro na janela, enquanto o vento, curioso, folheava algumas páginas.

Naquela manhã, quando Aline entrou na biblioteca, encontrou o livro de Poe no mesmo lugar, mas teve a impressão de que alguns livros foram largados no piso de cimento queimado, desenhando a silhueta do leitor ou leitora improvável que se deitou no chão e apoiou a cabeça numa almofada para ler na noite silenciosa.

Ela sorriu. Agachou para ver o gosto desse visitante noturno: suspense. Contornando a sua silhueta magra e alta, vários livros de Sherlock Holmes, de Arthur Conan Doyle. E deixou aberto o livro *O cão dos Baskerville*, faltando cinco páginas para terminar o suspense gótico sobre o cão diabólico. Para Aline, esse era um dos melhores livros do detetive inglês, seu melhor caso.

Juntou os livros espalhados numa pilha, colocando em ordem os seus preferidos, começando pelo *O cão dos Baskerville*, que marcou a página com uma folha de laranjeira, seguido de *Um estudo em vermelho*, *O signo dos quatro*, *O vale do medo*, entre os outros.

Ficou feliz que a biblioteca já tivera seu primeiro leitor ou leitora, fã das belas obras de Holmes. Enquanto empilhava os livros, ficou imaginando que esse leitor ou leitora talvez pudesse ser um dos mortos enterrados no cemitério, um fantasma. E se divertiu ao debruçar na janela olhando e arriscando um palpite de qual seria o túmulo do leitor ou leitora.

Ela pegou as laranjas, foi para a cozinha e começou a preparar o bolo. Quando o cheiro se espalhava pela biblioteca, Ayo apareceu com duas sacolas.

— Fui buscar na casa de um amigo. Essa enciclopédia era do avô dele. — Tirou um volume grande e pesado e o colocou sobre a mesa.

Aline aplaudiu, feliz. Na hora contou para Ayo que o escritor Borges, na infância, passava horas folheando a Enciclopédia Britânica que os pais tinham em casa, se encantando com os verbetes que surgiam a cada página.

— Em tempos de redes sociais e internet — ela ponderou feliz —, uma enciclopédia é um oásis literário.

Enquanto espalhava os volumes da enciclopédia, abriu o volume dezesseis, e encontrou o verbete “Bibliotecas”. E se surpreendeu que ele ocupava cerca de trinta páginas. Ficou feliz e marcou a página com uma folha de laranjeira.

Quando voltou para a cozinha, encontrou Ayo sentado à mesa, com um presente e uma rosa vermelha, que ela logo imaginou que ele pegara no jardim da biblioteca. Ao abrir o presente, encontrou uma edição original de *O burrico Lúcio*, primeiro livro que ela lera na vida, e a partir daí nunca mais ficou longe da ficção.

— Essa rosa vermelha é para eu comer, é? — brincou ela, se referindo à história do livro, onde um homem é transformado em burrico e para voltar a ser humano precisa comer pétalas de rosas, mas não consegue encontrar a flor em suas aventuras.

Aline despetalou a rosa e inseriu as pétalas dentro de páginas do livro. Deu um beijo em Ayo.

Os dois comeram bolo de laranja com café passado na hora. Depois foram pendurar a rede na mangueira, deitaram-se nela e ficaram ali, vendo o vento virar as páginas dos livros espalhados no gramado. Um gato se deitou sobre um livro de Poe, e assim ficaram, ansiosos pela chegada do primeiro visitante.

2

Eles eram quatro amigos inseparáveis. Moravam no mesmo bairro, em Parelheiros, extremo sul da cidade de

São Paulo e na mesma rua, que terminava onde começava o que ainda restava da mata atlântica. Estudavam na mesma escola e sala. E adoravam a professora de português. Tinham a mesma idade, doze anos, mas cada um com signo diferente.

Cursavam o sétimo ano do Ensino Fundamental à tarde. Moravam longe da escola, oito quarteirões com um campinho de futebol e a sorveteria do seu João pelo caminho. Quase sempre não tinham dinheiro para comprar sorvete e cheiravam sofregamente todos aqueles cheiros gostosos quando passavam em frente à máquina, com seus vidros coloridos e abelhas sobrevoando, que ficava na porta de um boteco, com uma mesa e quatro cadeiras na calçada em frente.

Tinha dia que eles se sentavam nas cadeiras, quando ninguém estivesse usando a mesa. Ficavam ali olhando as massas geladas e coloridas escorregarem da máquina para dentro das casquinhas, que, melecadas de sorvete, também eram deliciosas de comer.

Todo final de aula era assim: o sinal tocava às 17h30, e os quatro seguiam juntos de volta para suas casas, conversando de tudo, até da aula de português. Suspiravam quando a professora Malu entrava na sala e quase desmaiavam na carteira durante a chamada: Luís Pereira... Mário Alves... Osmar Silva... Paulo Santos... Sempre era vez de um deles se fingir de distraído para escutá-la chamar novamente o nome.

A professora ficava feliz com a festa que eles faziam durante a chamada. Bastava ela levantar os olhos e soltar um olhar sério, que eles de imediato ficavam quietos e atentos.

Nas provas daquela matéria, todos os quatro tiravam dez, sempre. Para eles, era fácil e prazeroso.

Mário era craque na redação. Seus textos sempre ganhavam nota máxima e eram lidos pela professora para toda a sala.

Luís mandava bem nos verbos, não errava uma conjugação.

Osmar conhecia as palavras como ninguém, muitas que nem mesmo a professora achava que existia, como “esputar”, que era cuspir, mania que o professor de inglês tinha ao dar aula.

Paulo era bom leitor, mas bom demais. Lia em voz alta a ponto de fazer a sala inteira fechar os olhos e viajar nas histórias de Júlio Verne como se estivessem no *Náutilus*, o temido monstro submersível do capitão Nemo, nas profundezas do mar, viajando pelas *Vinte mil léguas submarinas*.

Os quatro meninos gostavam de ler livros. Sempre carregavam um, dois ou até três na mochila. Paulo gostava de ler vários livros ao mesmo tempo. Mário tinha o talento de reinventar as histórias que lia. Osmar grifava todas as palavras que descobria e era o “dicionário ambulante” dos amigos. Luís gostava de ler livros com histórias contadas na terceira pessoa e vibrava com os narradores de suspense.

Aquele lugar onde moravam, apesar de ser lindo, com muito verde, ao lado de uma grande reserva ambiental, vizinhos de aldeias indígenas guarani, era pobre, quase abandonado pelo governo, carente de muitos serviços essenciais, entre eles uma boa biblioteca na escola.

Num cartaz colado no poste em frente à sorveteria, eles descobriram que a nova biblioteca no bairro ficava nos fundos do cemitério.

— No cemitério?! — espantou-se Luís, fazendo o sinal da cruz.

— Eu não entro lá — disse Mário.

— Vocês estão com medo, é? — provocou Paulo.

— Não é medo, mas o que uma biblioteca tá fazendo dentro de um cemitério? — desconfiou Osmar, enquanto

olhava o seu João fazer um sorvete de morango para uma menina que estudava na mesma escola.

— Para de olhar pra ela, Osmar! Presta atenção na conversa! — pediu Paulo.

— Tava olhando pro sorvete! — defendeu-se Osmar, com água na boca, enquanto a menina ia embora se deliciando com o sorvete.

Luís sorriu ao ver o amigo se derretendo de vontade de tomar um sorvete, enfiou a mão no bolso, achou um real e deu para ele, que saltou feliz da cadeira.

Quando Osmar voltou com o sorvete de morango, ofereceu uma pazinha de madeira para cada um pegar um pouco.

Paulo, então, retomou a conversa:

— Não temos mais livros pra ler. Lemos todos os livros da biblioteca da escola. Em casa, nossos pais não compram livros, nunca tem dinheiro sobrando.

— É! — concordou Mário. — E quando tem, eles querem comprar outra coisa. No aniversário, pedi um livro de presente. Minha mãe achou um absurdo. “Livro?! Pra quê?! Você tá precisando de uma camiseta nova, isso sim!... E se a tua madrinha perguntar o que você quer, nem se atreva de pedir livro; pede um tênis novo, que o teu tá em petição de miséria!” Foi o que eu ganhei.

— Tá! — continuou Paulo. — E eu acho que essa biblioteca no cemitério deve ter muitos livros legais!

— Uma biblioteca no cemitério só pode ter livros mortos — discordou Luís.

Mário arregalou os olhos e abraçou a mochila que estava no seu colo.

— Não é bem assim — quis explicar Paulo. — Muitos livros são de escritores que já morreram, mas alguns se tornaram imortais. Nós já lemos livros de alguns imortais...

— Então essa biblioteca no cemitério tem alma penada de escritor imortal, é? — assustou-se Mário.

— E se tiver? — observou Paulo. — Fantasma de escritor só pode ser gente boa, do bem. Deve estar louco pra encontrar alguém e contar as suas novas histórias...

— Novas?! — assustou-se Luís. — Histórias que o imortal escreveu depois de morrer? No cemitério?

— Escutou o que você disse, Luís? — comentou Osmar, divertindo-se: — “Histórias que o imortal escreveu depois de morrer”.

Todos riram. Luís deu um tapa na testa e disse:

— Se é imortal, não morreu! — E riu.

— Não sei! — Osmar voltou ao assunto, apontando para Paulo. — Outro dia você leu um conto de terror de um tal Poe. E se ele estiver por lá? É assustador... Não dormi à noite de tanto medo que tive daquela história do gato preto.

Mário já estava gostando da ideia:

— Tá! Acho que vai ser legal conhecer essa biblioteca no cemitério. A gente vai antes do anoitecer e, assim, no final dia, ainda claro, nenhum fantasma vai aparecer. Nem o do meu avô, que tá enterrado lá.

Combinaram de conhecer a biblioteca na próxima sexta-feira, logo depois da aula. Osmar os convenceu de que nas sextas o sol demora para ir embora e o dia dura muito mais. Ninguém duvidou dele, pois nunca tinham parado para notar se o sol na sexta demorava mais tempo que nos outros dias da semana. Era um bom dia para conhecer a biblioteca no cemitério, pois todas as sextas eles saíam da escola e corriam para a casa de Mário jogar game, comer pipoca e tomar refrigerante.

Na sexta, os quatro amigos saíram correndo da escola e só pararam diante do portão do cemitério, ofegantes e curiosos. Estavam leves, pois carregavam as mochilas quase vazias para queoubessem muitos livros que iam pegar emprestado na nova biblioteca.

Depois dos três degraus na entrada, com um enorme portão com grades grossas de ferro, uma estreita rua se estendia ao longo do morro, até dar numa pequena capela pintada de azul-celeste, com um crucifixo de madeira pendurado na parede de dentro, cercado de vasos com flores e muitas velas acesas.

Dos dois lados da ruazinha, a perder de vista, túmulos de todos os tipos, com flores frescas, outras murchando, várias de plástico. Retratos antigos das pessoas enterradas. Alguns jazigos estavam manchados de lágrimas que os visitantes deixavam cair de tanto chorar. Um ou outro gato deitado, ou sentado ao lado de cruzeiros, ou sobre lápides contemplando o crepúsculo, ou atentos, incomodados, observando os intrusos. E ainda dava para ver algumas covas abertas, esperando os defuntos, o que fez cada um deles passar longe e bem juntinho um do outro.

— A biblioteca deve ficar depois da capela — apontou Paulo.

Um gato preto saltou de um túmulo e começou a segui-los. Luís se assustou:

— Vejam! Deve ser o gato preto daquele escritor...

Apertaram o passo. O gato não deixou de segui-los. De vez em quando miava, saltava entre os túmulos e voltava correndo para andar ao lado deles.

Eles passaram a capela. Atrás dela, a vista se encheu de mais túmulos. Tiveram que seguir por entre eles, desviando-se das cruzeiros e das lápides. Deram num platô.

Logo avistaram a biblioteca numa casa térrea, com telhado de uma água terminando numa ampla varanda com uma porta e duas janelas abertas. Ao seu redor, um gramado verde e macio, e um jardim que se acendia com os amarelos, laranjas e vermelhos das flores, visitado por borboletas e beija-flores. Ao lado da casa, uma enorme mangueira com um balanço, feito de cordas, pendurado em um dos galhos, que se movia levemente, como se alguém tivesse acabado de saltar dele. Num canto do jardim, uma goiabeira e, embaixo dela, um confortável banco de madeira, com dois livros abertos sobre ele, que o vento agitava suas páginas fazendo o único barulho ali.

Na entrada, acima da porta, numa pequena placa de madeira pendurada, duas palavras pintadas com uma grafia graciosa em várias cores fizeram os quatro amigos sorrir: Biblioteca Comunitária.

Não avistaram ninguém, mas a porta estava aberta e convidativa. Destemido, Paulo foi o primeiro a entrar, soltando a mochila na grama. O gato preto correu atrás dele.

Os outros três ficaram parados no gramado, imóveis, calados, atentos, esperando algum sinal do amigo, que sumiu dentro da biblioteca, como se tivesse sido sugado e devorado por um monstro gigantesco e cruel.

O balanço na mangueira parou de se mexer. Os livros no banco sob a goiabeira se fecharam bruscamente. O vento passou por eles apressado e foi tilintar num mensageiro feito de bambus pendurado na varanda.

Logo que o mensageiro silenciou, chamaram por Paulo.
Nada.

Não sabiam o que fazer. Olharam ao redor e ninguém por perto, apenas os mortos quietos em seus túmulos. Além do muro, lá longe, depois das montanhas, o sol ia indo em-

bora, enrubescendo o céu, deixando aquele lugar ainda mais assustador.

Recuaram alguns passos e tomaram coragem para conversar.

— O Paulo sumiu! — desesperou-se Luís. — Eu sabia que não era uma boa ideia vir numa biblioteca no cemitério.

— Será que ele morreu quando entrou na biblioteca? — assustou-se Osmar. — De repente ele viu um avejão...

— Avejão?! — assustaram-se Luís e Mário.

— Um espectro, avantesma... A droga de um fantasma! — explicou Osmar.

— Não é hora para você usar o seu dicionário — disse Luís, apesar de ter gostado de saber daqueles outros jeitos de chamar um fantasma.

— Ele desmaiou de susto! É isso! — arriscou Mário. — Temos que ajudá-lo.

— Nós?! — exclamaram Osmar e Luís ao mesmo tempo.

— Tá escurecendo. Vai ficar pior se demormos mais — observou Mário. — Aí esse lugar vai se encher de fantasmas, ou de avejões e espectros, sei lá! E estaremos perdidos.

Com muito cuidado, olhando para todos os lados, os três caminharam até a porta da biblioteca. Estavam quase perto, já na varanda, quando o gato preto saiu correndo de dentro e foi até eles, esfregando-se em suas pernas. Luís quase se mijou. Mário prendeu a respiração achando que assim ficaria invisível. Osmar fechou os olhos e fez o sinal da cruz.

O gato soltou um miado alto, estridente, saiu correndo, saltando entre os túmulos. Os três berraram tão alto, que era capaz de acordar o mais surdo dos defuntos no cemitério, e correram para dentro da biblioteca.

Quando chegaram lá, viram Paulo sentado num pufe, cercado de livros, folheando todos que pegava do chão e das

estantes. Os olhos vidrados, encantado, como se estivesse indeciso para escolher qual ler primeiro.

Os três suspiraram, aliviados, contentes ao encontrar o amigo são e salvo.

Foi quando perceberam que tinha outra pessoa na mesma sala: uma jovem, alta, bonita, olhos negros e grandes, sorriso aberto no rosto, um turbante colorido na cabeça. Ela segurava uma bandeja com mais livros, como se fossem doces e sucos. E eram saborosos e refrescantes, eles descobriram. Pois cada livro que abriam, eles queriam devorar ali mesmo.

A jovem sorria, sentou-se com eles entre os livros e se apresentou:

— Eu sou a Aline, a bibliotecária. — E quis saber o nome de cada um deles.

Mário, Luís e Osmar tocaram nela algumas vezes para ter certeza de que ela não era um fantasma, uma alma penada. Paulo se divertia com os amigos, e ela também. Ficaram mais tranquilos quando ela disse que um livro, quando está fechado, é uma coisa entre as coisas, mas quando é aberto, encontra o seu leitor, volta a pulsar, viver. Um livro está cheio de vidas. Nunca morre.